

QUINHENTOS ANOS DE BRASIL

Mario PIRES

"... Tomou-se, então, o rumo aberto do oeste COMO À BUSCA DE PONTO CONHECIDO..." - é o que se lê na velha obra de Rocha Pombo, *História do Brasil*, editada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, 3ª edição, que adquirimos em 1942.¹

O consagrado historiador não fala, pois, em descobrimento do Brasil, e sim, do interesse da política portuguesa, da expansão do reino e da cautelosa posse da terra há muito conhecida. Mas, os compêndios escolares de nosso tempo, sempre diziam: "O Brasil foi descoberto em 22 de abril de 1500."

Cristóvão Colombo, e, como diziam os coevos, "Descobridor da América", já sabia, de antemão, da existência de novas terras no ocidente do Atlântico. Os pesquisadores, há muito, têm afirmado que por aqui, em priscas eras, perlongaram os *vikings* noruegueses, já se tem falado, que os *svikings*, muitos séculos antes dos descobrimentos, viajaram pela América.

Sobre estas viagens, outra publicação,² afirma ter sido descoberto navio *viking* do século 11. Os arqueólogos consideraram sensacional a descoberta desse barco, encontrado num fiorde de Copenhague.

O conspícuo e grandioso Museu Britânico de Londres possui em seu formidável acervo, arte do Brasil produzida milênios antes da chegada de Cabral, arte que se localizava no coração da Amazônia. Esse

(1) Pombo, Rocha. *História do Brasil*. Cia. Melhoramentos de São Paulo. 3ª edição Curso Superior.

(2) *Jornal da Tarde*, São Paulo, edição de 22/7/1997.

tesouro arqueológico também existe no Museu de Antropologia da USP de São Paulo.

Outro impressionante testemunho da velhice do Brasil são as famosas "Sete Cidades" do Piauí, restos de sítios milenares.

Esses achados não são mais novidade. Há pouco tempo, caçadores da província canadense de Colúmbia Britânica, descobriram o corpo de um homem congelado e em bom estado de conservação; ao seu lado, estavam uma bengala, uma lança de madeira, um faca de osso, restos de um peixe, uma bolsa de couro e um chapéu de abas largas. Os descobridores afirmaram que deve ser um caçador que habitava a região, antes da chegada dos europeus e que existisse há mais de 12 mil anos, quando os humanos passaram da Ásia para a América, pelo Estreito de Behring.³

Outra publicação afirma que o homem surgiu na Ilha de Páscoa nos anos 400. Esse é considerado o supremo mistério, o da sociedade polinésia que se instalou naquela ilha para depois desaparecer da face da terra.⁴

Em outubro de 1998, um grupo de empresários americanos, sondando as profundezas do Mediterrâneo, descobriu um navio muito antigo que classificaram como fenício do século 5 antes de Cristo.

Desde os dois últimos séculos e principalmente no atual, tem havido verdadeira febre de procuras arqueológicas, mas o que nos interessa, é a certeza da estada, em nosso território, de diversas civilizações, antes da chegada de Cabral.

Mas, não se aborream, não se irrite, nobres portugueses: se os seus valorosos ancestrais não tiveram o privilégio de aqui chegar em primeiro lugar, seus grandes méritos foram o da iniciativa de tomar posse da terra nova e exuberante e a coragem de se aventurar em quase frágeis caravelas pelo "tenebroso e desconhecido mar", até aportar em Cabrália.

Mas, além da conquista de novas terras e sua posse, tinham em mira os portugueses, também, a evangelização dos autóctones, a

⁽³⁾ O Estado de S. Paulo, edição de 26/8/1999.

⁽⁴⁾ Idem, edição de 21/10/1995.

imposição da igreja de Cristo. Nas caravelas de Cabral, vieram Frei Henrique de Coimbra e mais alguns religiosos.

Sobre a audaciosa aventura oceânica portuguesa, reportemo-nos, novamente, ao conspícuo historiador Rocha Pombo, em seu opúsculo para o ensino superior: "... É com esse fim que se apressa D. Manuel a aparelhar uma poderosa frota de guerra, cujo comando confia a Pedro Álvares Cabral. Compunha-se essa esquadra, de dez naus e alguns navios de transporte, além de embarcações mercantes que se lhe incorporaram. Eram todos os capitães homens afeitos à vida marítima e já conhecidos.

Na expedição vieram também, Pero Vaz de Caminha, que seria o autor da célebre carta escrita a D. Manuel; o mestre ou bacharel Johannes, médico e astrônomo, ao qual se deve uma "carta" com a indicação precisa da situação da terra "descoberta": o cronista Duarte Pacheco Pereira, autor do *Esmeraldo de Situ Orbis*; sete missionários, sob a ordem de Frei Henrique de Coimbra.

Partira de Lisboa, do Paço de Alcaçova, em 8 de março de 1500, no meio de aclamações do povaréu. Na manhã seguinte, assistiram à missa na Ermida do Restelo, com a presença do rei e de toda a corte. Em seguida, D. Manuel entregou a Cabral uma bandeira da Ordem de Cristo. Saindo do Tejo, tomou a armada rumo do sul; no dia 14, pela manhã, estava-se à vista das Canárias e, por isso, Cabral ordenou afastarem-se as naus da costa africana.

No dia 21 de abril, surgiram os primeiros sinais de costa não distante. Não demorou a destacar-se da fita escura o relevo de um monte, a que se deu o nome de Monte Pascoal, por ser o dia de Páscoa."

Seguem-se outros dados que são de todos conhecidos.

Vejamos, agora, o que nos diz outro grande historiador, este, mais atualizado:⁵

"Os comandos das 13 naus de Cabral estavam assim distribuídas:

1 - Pedro Álvares Cabral, nau capitânia.

⁽⁵⁾ Barroso, Gustavo. Nos bastidores da História do Brasil. Edições Melhoramentos, São Paulo. [s/d].

- 2 - Sancho de Tovar - nau sota-capitânia, denominada "El-Rei".
- 3 - Simão de Miranda - nau.
- 4 - Bartolomeu Dias - navio destinado a Sofala.
- 5 - Vasco de Ataíde - nau.
- 6 - Aires Gomes da Silva - idem
- 7 - Simão de Pina - ibidem.
- 8 - Nicolau Coelho - ibidem.
- 9 - Nuno Leitão da Cunha - navio denominado "Anunciada".
- 10 - Diogo Dias - nau.
- 11 - Pedro de Ataíde - navio denominado "São Pedro", de 100 toneladas.
- 12 - Luís Pires - nau.
- 13 - Gaspar de Lemos - navio de mantimentos.

Este último foi mandado voltar a Lisboa com a notícia do descobrimento. A esquadra velejou do Brasil para a Índia a 2 de maio e a 24 foi assaltada por terrível temporal, que fez naufragar os navios do comando de Bartolomeu Dias, de Luiz Pires, de Aires Gomes da Silva e de Simão de Pina, perdendo-se sua gente."

Enfim, das 13 velas tornaram unicamente a Portugal seis, inclusive a de Cabral.

*

OS DOIS TÚMULOS DE CABRAL

Diz o autor destas notas, que esse grande fidalgo português, filho de Fernão Cabral, cognominado, por sua alta estatura, o "Gigante da Beira", Alcaide de Benavente, neto de Fernão Álvares Cabral, guarda-mor do infante D. Henrique, "O Navegador", foi indicado por Vasco da Gama, quando de sua volta da Índia, em 1499.

Voltando gloriosamente a Portugal, Cabral se viu jubilosamente recebido por seu soberano, em Lisboa, em 23 de junho de

1501. O Descobridor do Brasil faleceu na península, como Alcaide e Senhor de Belmonte, antigo senhorio de sua família, sendo sepultado na Igreja da Graça, em Santarém. Essa igreja foi restaurada pelo governo português e nela se pode ler, rasa no chão da capela, uma lápide clara com esta epigrafia em caracteres quinhentistas:

"Aquy jaz Pedralvares Cabral e/ Dona Isabel de Castro sua mulher / cuja é esta capella, he de todos / seos erdeyros aquell depois da / morte de seu marido foy; camareyra-mor da Infanta dona Mari fylha del Rey dõ João / nosso señor ho terceiro deste nome."

Em 6 de agosto de 1882: estão aqui os ossos de P. A. Cabral. - Auto na Torre do Tombo, e C. o Mal. de Santarém."

ORIGEM DO NOME BRASIL

"O nome Brasil surge na geografia do mundo, 150 anos antes de o nosso país ser descoberto pelos portugueses. Nas mais antigas cartas geográficas conhecidas da Idade Média, vê-se sempre em alguma parte do Oceano Atlântico uma ilha com o nome de Brazil, Brasil, Bracil ou Berzil.

O Portulano ou Mapa Medici traz essa ilha diante das costas da Península Ibérica com a legenda "insula de bрази". Data de 1351. A Biblioteca Pública de Módena, na Itália, mostra na altura da Irlanda a "Ilha Brezill". São estes dois os documentos mais antigos em que aparecem as formas "brazi" e "brezill" da palavra Brasil.

Após o "descobrimento", começava a exploração do chamado "pau-brasil" nas suas costas. Era o resultado duma antiqüíssima lenda sobre a existência de uma terra afortunada, abençoada e feliz do lado do ocidente, lenda que se misturara, com muitas outras, à geografia dos antigos. Os indus chamavam a essa terra *Uttarra-Kuru*, país de sol, com areias de ouro e prata. Os egípcios denominavam *Aalu ou Hotep*, onde a vida era deliciosa.

Um dos primeiros documentos escritos sobre o descobrimento do Brasil comprova a existência cartográfica anterior desse nome.

Tracemos, agora, um esquema da origem e formação do nome Brasil:

Antigüidade: Lenda entre quase todos os povos sobre a existência duma terra misteriosa e venturosa no Oceano, do lado do oeste.

Idade Média: A lenda consubstancia-se numa ilha Brasil, de pouso incerto e nome com variantes, por influência dos vocábulos celtas "Hy-Breasail", "Hy-Bresail" e "Ó-Brasil". O pau de tinturaria vem do oriente, trazido pelos árabes, tomando no comércio europeu os nomes "Verzino", "Bezino", "Berzil" e, finalmente Brasil.

Época do Renascimento: Acredita-se na existência de uma ilha Brasil que aparece nos mapas antigos e é mesmo procurada pelo Oceano Atlântico. Os portugueses acham em 1500 a terra que veio a chamar-se Brasil e na qual abundava a madeira tintórica desse nome.

Depois de 1503: O nome da ilha Brasil e o nome do pau-brasil se confundem no termo geográfico definitivo.

Depois de tantos testemunhos sobre a incursão de povos antigos em nosso território, antes da chegada de Cabral e as várias desinências da nova terra, conclui-se que, finalmente, "*Não houve a descoberta do Brasil mas a posse pelos portugueses dessa Nova Terra*".

*

BRASIL QUINHENTOS ANOS

(Uma saga memorável)

Poema épico gregoriano

Mário PIRES

(revisão: Benedito Ortiz)

INVOCAÇÃO

Eia, Calíope, Musa da Poesia Épica:

Acorda, levanta-te, vem inspirar

Este pobre poeta

Que quer exaltar
 O acontecimento máximo
 De sua terra:
 Seu nascimento!

1500 - 2000

"Sabeis o que é esse despertar de poeta?
 É o ter dado às palavras - virtude, amor,
 pátria e glória - uma significação profunda."

(Do *Eurico, o Presbítero* de Alexandre Herculano).

CANTO I

"Homens hirsutos e sonhadores,
 Muito audaciosos, inconformados,
 Aspiravam conquistas, valores,
 O seu mar, fitando, esperançados!

Na "Ocidental praia lusitana",
 Havia um príncipe intemorato,
 Querendo ir além de Taprobana,
 Eis o seu maior desiderato!

É Dom Henrique, "O Navegador",
 Que da famosa Sagres, a Escola,
 Enriquecida de cientistas,
 De altíssimo valor, se acrisola.

"... Aqui, quase cume da cabeça
 Do reino lusitano", audaz,
 "Onde a terra acaba e o mar começa",
 E o império luso satisfaz.

CANTO II

Vem, empós, um Rei mui valeroso,
 A continuá-lo com mesmo ardor,
 Rei Dom Manuel, "O Venturoso",
 enche-se de glória e de esplendor!

Das terras da Índia proeminente,
 Conquistadas por Vasco da Gama,
 Volta-se ele agora ao Ocidente,
 Terras virgens, que ninguém reclama.

Preparam-se naus incontinenti,
 Pedr'Álvares Cabral as comanda.
 E essa grei audaz, persistente,
 Não a vence falaz sarabanda!

Tomam rumos predeterminados,
 Lá vão elas, naus abençoadas,
 "... Mares nunca dantes navegados",
 Sem pensar em cousas desastradas!

CANTO III

Em Sagres, o "astrolábio", estudaram,
 E as "Cartas" chamadas "Portulanos",
 Confiantes, todos se agregaram,
 Zombam do mar, esses soberanos.

Sim, o "Mar Tenebroso", mortal,
 Com tempestades e mil perigos,
 "Avante, meus bravos, pro ideal.
 Sede leais, não temais castigos."

São treze naus, ou flechas vogando,
 Na frente, um novo Alexandre audaz.
 Comandando. Intrépidos, remando,
 Seguem, seguem, sem olhar pra trás!

Nas velas brancas a cruz de Cristo,
 São heróicas gentes e cristãs!
 É um roubo ardente e benquisto,
 São todas almas gêmeas, irmãs.

CANTO IV

Eis que após semanas navegando,
 Vêm surgir ao longe, um alto monte!
 A comoção deixa-os chorando,
 Quais os épicos de Anacreonte!

Oh!, vinte e dois de abril luminoso,
 Nova Semana Santa, que unção!
 Logo, Frei Coimbra, fervoroso,
 Batiza o Monte, em consagração.

"É uma Ilha", afirma Cabral.
 Chama-lhe "Ilha de Vera Cruz".
 Percorrendo-a, vê o erro, afinal:
 "Agora é Terra de Santa Cruz"!

Pero Vaz de Caminha logo escreve
 A Rei Dom Manuel, "O Venturoso":
 "A terra é mui úbere", descreve.
 Comandante Cabral, jubiloso!

CANTO V

Grande aventura essa Descoberta!
 O milagre aconteceu enfim!
 Novo país que deixa o mundo alerta:
 Não há terra alguma rica assim!

Oh!, este Brasil, tão grande amado,
 Céu e terra de esplendor formado!
 Tens o Amazonas, rio sagrado
 Por todos sempre e sempre invejado!

Terra de heróis, gente destemida,
 Novos titãs, que te construíram!
 Te fizeram terra enriquecida
 Por muitas lutas que em ti se viram!

E já que estamos no ano dois mil,
 Comemorando quinhentos anos,
 Não esqueçamos nobre povo,
 Portugal, Mãe-Pátria, a quem amamos!"

FIM